

Também somos Terra

Coordenadas de ação para uma ecologia integral

Tema 5: Ecologia integral e justiça geracional (desigualdades planetárias)

1. A *Laudato si'* refere-se à justiça intergeracional em várias passagens ao longo de todo o texto, mas de modo específico no final do capítulo dedicado ao aprofundamento do conceito de ecologia integral. Afirma que é “uma componente a ter presente na prossecução do bem comum” e adverte que “não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional”. (LS 159-162)

A terra em que habitamos foi-nos dada, mas não para dela extrairmos um proveito individual imediato, pois pertence também àqueles que virão depois de nós. Curiosamente o papa Francisco faz a este propósito uma citação de um documento dos bispos de Portugal: “O ambiente situa-se na lógica da receção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte.” (LS 159)

Francisco enfatiza esta ideia dizendo: “Não estamos a falar duma atitude opcional, mas duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão-de vir.” (LS 159)

Neste contexto, devemos interrogar-nos acerca do mundo que queremos deixar às crianças e jovens que estão a crescer, que sentido e valores estamos a transmitir-lhes e como as estamos a preparar para o futuro.

O Papa elenca um conjunto de interrogações que devemos enfrentar com seriedade e coragem:

- *Com que finalidade passamos por este mundo?*
- *Para que viemos a esta vida?*
- *Para que trabalhamos e lutamos?*
- *Que necessidade tem de nós esta terra?*

Afinal não se trata apenas de uma preocupação mais ou menos bondosa com os humanos que hão de habitar o planeta no futuro: “[...] é a nossa própria dignidade que está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder. Trata-se de um drama para nós mesmos, porque isto põe em causa o significado da nossa passagem por esta Terra.” (LS 160)

2. O que já hoje conhecemos acerca dos estragos que infligimos ao Planeta, designadamente nos últimos 200 anos, não nos pode deixar indiferentes. Temos de levar a sério as previsões dos cientistas e deixar-nos sensibilizar pelos fenómenos que vão ocorrendo: as alterações climáticas, as montanhas de lixo que se acumulam nos rios, nos mares e nas periferias das grandes urbanizações, a destruição galopante da biodiversidade, a pobreza massiva e as grandes desigualdades.

O papa Francisco chama a atenção para as causas destas calamidades e para necessidade de mudar o estilo de vida:

O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida actual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões. A atenuação dos efeitos do desequilíbrio actual depende do que fizermos agora, sobretudo se pensarmos na responsabilidade que nos atribuirão aqueles que deverão suportar as piores consequências. (LS 161)

3. O papa Francisco associa a deterioração ecológica a uma deterioração ética e cultural e alerta para o risco do individualismo, da busca da satisfação imediata, da perda dos laços familiares e sociais, da dificuldade de reconhecer a alteridade do outro, da nossa incapacidade de alargar o horizonte das nossas preocupações e pensar naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento.

4. Na linha desta visão global, o Papa chama ainda a nossa atenção para a existência de profundas desigualdades planetárias, das quais as maiores consequências se fazem sempre sentir entre os mais frágeis e pobres, seja ao nível individual, seja ao nível dos povos.

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De facto, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta [...]. O impacto dos desequilíbrios actuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais. (LS 48)

Interrogações:

- Nos nossos espaços de reflexão e debate (paróquia, congregações religiosas, movimentos), há alguma preocupação em abordar esta questão da justiça intergeracional na perspetiva da ecologia integral?
- Que lugar ocupa este tema nas homilias dominicais? Nas celebrações penitenciais? Nas orações dos fiéis?
- Estamos preocupados em passar às gerações mais jovens a noção de cuidado com os bens a que temos acesso, a lidar com o desperdício, a desenvolver a solidariedade com os mais frágeis, a responsabilizar-nos pela conservação do património físico e cultural que herdamos das gerações anteriores?
- Temos consciência das desigualdades existentes no nosso bairro, aldeia, cidade? E na nossa comunidade? Fazemos deste assunto tema das nossas conversas com outras pessoas?

Sugestões:

- Identificar uma ação concreta de conscientização a desenvolver no âmbito da justiça intergeracional na perspectiva da ecologia integral. Por exemplo: organizar uma sessão de esclarecimento sobre o tema com a presença de avós, pais e filhos e o seu envolvimento numa iniciativa comum, que procure também ter consequências ao nível da redução das desigualdades.
- Promover uma celebração penitencial sobre o mundo que estamos a deixar às gerações futuras.
- Elaborar e fazer aprovar um compromisso de responsabilização pessoal pela prática dos 4 R (reduzir, reutilizar, reparar, reciclar), estilo de vida simples e solidária.